



Health, salud, santé

ничего не
не прик
бы, со
ку, и
ющел
дом
дят
"и г

еп
пр
но
мо
од
по
эк
вс
дв
ж

заг... которых являются экологически
слои; болезни, приносящие ежегодно сотни тысяч жертв
Каж... уносящий ежегодно планету Земли
... человечеством за сох...
... поколений
... Вот, например
... Чика. Ей уже четыре
294

нить, ни к чему
пает, казалось
пает на бабоч
тся в окружа
возвращен

гав [гэ:] сыр
бóтанный; ~
с. [ге] луч м.
у [ге] ['ге:н]
оп [ге] вискоза
елк, [ге:зэ] б
безопас
га [гэ:] д
ту [гэ:] д
reach [гэ:] д
доход
ставать.
you kind
передайте.
соль; 3)
tend).
react [ri:'ækt]
reaction [ri:
эс; ре
полит.
[-э:] 1.
и реакци
read [ri:
читать;
тáю по
показы
eter



Editora Fiocruz investe na tradução de obras de referência ou inovadoras

Fernanda Marques

Se o objetivo da Editora Fiocruz é falar a língua da saúde pública, então ela precisa ser poliglota. Em seu catálogo, encontram-se títulos como *Análise sociológica das políticas de saúde e Alimentação, sociedade e cultura*, traduzidos para o português a partir do francês e do espanhol, respectivamente. Já o livro *Amamentação: um híbrido natureza-cultura* foi publicado em português e, em seguida, vertido para o inglês. *Salud y Equidad: una mirada desde las ciencias sociales*, por sua vez, foi originalmente publicado em espanhol com o selo da Editora Flocruz, visando estreitar laços com países da América Latina. As fotobiografias de Carlos Chagas e Chagas Filho são bilíngues (português-inglês). E uma coletânea como *Fundamentos da paleoparasitologia*, em português, reúne autores das mais variadas origens, como Brasil, Argentina, Estados Unidos e França. “Levando em conta essa variedade de obras, dos cerca de 350 livros do catálogo da Editora Fiocruz, pelo menos um décimo envolve outras línguas, além do português”, calcula o editor-executivo, João Canossa. ▶

O número pode até parecer pequeno, mas ele significa grandes esforços de tradução. “Cada título traduzido representa mais do que um livro em volume de trabalho”, diz o antropólogo Ricardo Ventura Santos, pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e editor científico da Editora Fiocruz. “Investir em uma tradução pode significar deixar de publicar um ou dois originais em português. Por isso é tão importante avaliar e selecionar bem o que será traduzido”, completa o historiador Gilberto Hochman, pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e também editor científico da Editora Fiocruz.

Há dois grandes critérios para a escolha de livros a serem traduzidos para o português. Por um lado, são consideradas prioritárias as obras muito citadas, de referência ou clássicas, que apresentam sínteses ou o estado da arte de um determinado campo do conhecimento; por outro, também são privilegiadas obras originais, com temáticas, metodologias ou enfoques inovadores, que inauguram novas perspectivas de pesquisa e ainda não encontram similares em português. “São traduzidas obras de relevância para as diferentes áreas da saúde pública que, muitas vezes, não interessariam a editoras comerciais”, afirma Hochman. Em geral, os projetos de tradução surgem por demanda de grupos de pesquisa brasileiros, da Fiocruz ou de outras instituições, que participam de redes internacionais de colaboração. São pesquisadores que trabalham com temas emergentes e identificam a necessidade de traduzir para o português e publicar no Brasil os textos de base de suas áreas. “E esses grupos ajudam bastante no processo editorial, em especial na revisão técnica. É um trabalho de dimensão coletiva”, conta Santos.

A tradução é importante para colocar um tema na pauta de reflexão e discussão não só de pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação, mas do público brasileiro em geral. “Além do mérito de traduzir para o português, há também o valor de publicar no Brasil, facilitando o acesso físico a livros que, do contrário, só chegariam às mãos do brasileiro após

um longo, dispendioso e, muitas vezes, complicado processo de importação”, lembra Ricardo.

Um exemplo é o livro *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, lançado em inglês, em 1998, pela Editora da Universidade de Chicago, e publicado em português, em 2008, pela Editora Fiocruz. Considerada um marco nos estudos de gênero, a obra é fruto de um trabalho de campo realizado pelo sueco Don Kulick com travestis de Salvador, onde analisou o modo como viviam, agiam, pensavam e falavam sobre sua própria inserção na sociedade brasileira. “A importância da tradução para o português é que o livro se tornou acessível para as pessoas sobre as quais ele fala (travestis e brasileiros). Isso significa que tanto travestis como brasileiros que não são travestis podem ler o livro e usá-lo para pensar: eles podem decidir se concordam com as interpretações que ofereço e, se discordarem, produzir visões alternativas. Espero que o livro desempenhe um papel, ainda que pequeno, na redução do preconceito que muitos brasileiros têm contra travestis”, avalia Don Kulick, pesquisador do Departamento de Desenvolvimento Humano Comparado da Universidade de Chicago.

Por meio da tradução, pessoas que desconheciam a existência de um livro podem ter acesso a ele, assim como profissionais do SUS, que atuam na

ponta do sistema de saúde e podem se beneficiar daquela leitura, apesar de, muitas vezes, não dominarem outras línguas. Aqui, porém, existe um grande desafio: traduzir não é uma tarefa simples; e traduzir livros acadêmicos apresenta ainda uma série de particularidades. “Considero que a proximidade com a área e o conhecimento técnico do assunto sempre facilitam a tradução. Há certos termos acadêmicos, por exemplo, cujo sentido difere do usual ou do senso comum. Um tradutor não especialista pode ter dificuldades para encontrar a tradução mais precisa, caso se depare com esses termos”, opina o antropólogo Cesar Gordon, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tradutor do livro *Travesti*. “Contudo, conhecer o assunto não garante, por si só, uma boa tradução”, pondera.

‘Ponte’ entre dois mundos

Um serviço solitário, que requer muita concentração, é exigente, difícil, trabalhoso e cansativo: assim é o ofício do tradutor. À primeira vista, não parece uma atividade prazerosa. Um olhar mais apurado, porém, revela outros lados da profissão. “O grande mérito é que ela proporciona um enriquecimen-



to cultural. Sempre nos deparamos com novos assuntos e abordagens. Sempre aprendemos alguma coisa”, conta a tradutora Vera Ribeiro. “É extremamente prazeroso encontrar uma solução que expresse o significado original”, acrescenta a tradutora Irene Ernest Dias, que compara seu ofício ao de um mensageiro que constrói uma ‘ponte’ entre dois mundos, isto é, entre duas línguas.

O tradutor deve respeitar e ser fiel ao original. Isso significa preservar não só as ideias, mas também o estilo do autor: se o vocabulário é simples ou rebuscado; se as frases são curtas ou longas; se os adjetivos são muito ou pouco usados. “Contudo, ele não precisa – e frequentemente não deve – traduzir ‘ao pé da letra’. Para que o texto faça sentido, sempre que necessário, pode modificar as formulações, desde que os conteúdos sejam mantidos”, esclarece Irene. Para garantir a qualidade desse processo, não basta que o tradutor tenha fluência na língua do texto original: ele precisa também conhecer muito bem as possibilidades de expressão em português. “Espera-se que o tradutor tenha talento para escrever”, resume Vera. Mesmo que tenha muita familiaridade com o tema, é vedado ao tradutor introduzir inflexões no texto original. Contudo, a marca do tradutor está sempre presente nos textos que ele traduz. 🌱



‘Arqueologia’ das letras

Um pequeno “tesouro” para os interessados na história da medicina e da cultura: em 2005, a Editora Fiocruz publicou alguns dos mais importantes tratados recolhidos sob o nome de Hipócrates e que compõem a coleção de textos gregos chamada de *Corpus Hippocraticum*. O livro *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* reúne tratados sobre conceitos e preceitos desenvolvidos há mais de dois milênios e que estabeleceram os alicerces da prática e da ética médica. Em entrevista à **Revista de Manguinhos**, a dupla Henrique F. Cairus e Wilson A. Ribeiro Jr – bacharel em português e grego, doutor em letras clássicas e professor da UFRJ – fala sobre sua experiência com o grego antigo e a produção do livro, que traz traduções e comentários dos tratados.

Como surgiu seu interesse em estudar grego?

Fui cursar letras para entender a terminologia literária, para entender métrica e outras coisas que nunca aprendi. Fui, então, obrigado a cursar um ano de grego antigo. Mas encerrei aquele curso obrigatório com um conhecimento de grego absolutamente insuficiente para qualquer uso. Para dar sentido àquela língua e descobri o gosto de conhecer uma língua morta, ou seja, que não tem mais falantes nativos, o que nos obriga a um mergulho no delicioso universo da conjectura.

Como foi a experiência de traduzir os *Textos hipocráticos*?

Para um tradutor de francês, por exemplo, é importante ir a um país francófono e adquirir, junto aos nativos, um vocabulário além dos dicionários, ou mesmo um jeito peculiar de falar e pensar. Mas isso não é possível numa língua morta: nesse caso, a viagem tem de ser feita de

forma artificial, montando-se um quebra-cabeça que jamais terá fim. Assim nasceu meu interesse pelo *Corpus Hippocraticum*. A única edição completa desses textos foi feita por um positivista genial, o francês Émile Littré, no século 19. Sua importância foi enorme, porque Littré tirou o *Corpus Hippocraticum* do domínio da medicina e entregou-o ao domínio da história da medicina. No entanto, lendo a apaixonante obra de Littré, pareceu-me que já era hora de reposicionarmos o *Corpus Hippocraticum* na história da medicina e inseri-lo de forma mais contundente na história da cultura. Muitos autores falam da importância da medicina hipocrática nas obras de Platão e de Aristóteles, nos historiadores, nas tragédias, em outras obras poéticas e de prosa etc. Mas ainda é preciso percorrer o caminho que esses helenistas indicaram. Apenas segui essa indicação. A prática da tradução exige um esforço em prol do conhecimento dos comprometimentos do texto e de suas relações intertextuais.

De que forma os leitores podem se beneficiar do livro?

O coautor, o médico e helenista Wilson A. Ribeiro Jr., pensou o livro como um grande verbete enciclopédico, onde o leitor pudesse encontrar respostas a perguntas fundamentais e legítimas, como, por exemplo, o que é o *Corpus hippocraticum* e quem foi Hipócrates, figura evocada no famoso juramento dos médicos e presente em estátuas em tantas faculdades de medicina do mundo. Da minha parte, pensei num público interessado na relação da medicina antiga com os outros elementos da cultura em que ela se inseria. No entanto, estamos mais do que convencidos de que alguns importantes tratados ficaram de fora, e de que será preciso incluí-los num próximo volume.